

---

## AS MEDITAÇÕES DO IMPERADOR MARCO AURÉLIO

Stéfani de Almeida Onesko (PPH/LEAM-UEM)<sup>1</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini – orientadora  
(DHI/PPH/LEAM-UEM)<sup>2</sup>

### Introdução

No presente trabalho pretendemos analisar a obra *Meditações* (170-180), escrita pelo Imperador Marco Aurélio (121-180), buscando observar em seus escritos os fatores que marcam esse personagem histórico, suas influências, seus pensamentos e reflexões, sua filosofia estoica de vida. A obra ora trabalhada contempla os pensamentos do Imperador estoico, traçando o perfil de um imperador ligado à uma tradição filosófica: o estoicismo.

A obra *Meditações* de autoria do Imperador, foi escrita não destacando ou preocupada em demonstrar as funções do qual exercia, exaltando a política realizada pelo autor, mas como um meio de autoconsolação, de autoconsciência, de autoanálise, algo particular, não deixando de refletir sua postura imperial e pessoal.

No seu livro apresentou suas influências, e os valores deles retirados, que dos seus amigos, professores, familiares. Além de Lúcio Aneu Sêneca, Marco Aurélio se encontra muito próximo de Epicteto, até por ser seu antecessor mais próximo. Todos esses três formaram a chamada terceira geração do estoicismo, geração esta, que deu uma atenção maior à moral. *Meditações* acabou por ser escrita no final da vida do imperador- filósofo, observando o período mais maduro de Marco Aurélio demonstrando assim, a filosofia que queria perpetuar.

Procuramos analisar, portanto, as ideias do Imperador Marco Aurélio, levando em conta seu contexto social e as influências advindas desse contexto, os pensamentos

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do laboratório de Estudos Antigos e Medievais (LEAM) e mestranda em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Orientadora junto ao Programa de Pós-Graduação em História e professora de História Antiga do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

mais característicos do Imperador, além da filosofia apresentada na obra, como o grande marco de seu discurso.

### **Marco Aurélio, o imperador-filósofo**

Marco Aurélio, mais conhecido como Imperador Marco Aurélio, nasceu em 121.d.C. Filho de Ânio Vero e Domícia Lucila, foi criado por seu avô, já que seu pai faleceu logo após seu nascimento. Fora adotado por Antônio Pio, imperador que o antecedeu em Roma, casou-se com Faustina, filha de Antonino, e após a morte de seu pai adotivo, sucedeu ao trono ficando até 180, ano de sua morte. Sua vida é marcada por dois momentos, a do nascimento, em uma acomodação na metrópole imperial, e o momento de sua morte, em um acampamento militar em meio a turbulentos confrontos. (GUAL, 2005, pág. 7)

Marco Aurélio nos deixou como herança de seu pensamento *Meditações*, obra escrita no final de sua vida, em que é possível observar os princípios que o embasavam tanto como pessoa comum, quanto diante do cargo político mais almejado. De acordo com Gual (2005) Marco Aurélio, confirma em seus escritos a sublime conduta pessoal do imperador, que segundo Herodiano (Apud GUAL, 1977, p. 7), foi o único imperador fiel à uma filosofia não com palavras ou afirmações que contemplavam a teoria de suas crenças, mas seu caráter digno e sua conduta recheada de virtudes.

A obra de Marco Aurélio não fora somente um simples escrito, mas uma espécie de caminho formulado a ser seguido pelo imperador. O livro não contém confissões ou autobiografia, contém a moral e seus valores intelectuais.

A conduta traçada por Marco Aurélio é significativa, na medida em que, diferente de outros imperadores, utilizou uma filosofia para se servir de fonte. Quando nos deparamos com a obra, observamos que o estoicismo fora adotado de maneira plena por este imperador. A sua forma de vida foi captada de seus ilustres antecessores da filosofia estoica, que tiveram uma influência certa na vida do mesmo.

Q. Junio Rústico, de quien Marco Aurelio recuerda que le prestó su ejemplar privado de los recuerdos de Epicteto, era, más que un profesor de filosofía, un noble romano, estoico de corazón y de convicción. [...] (GUAL, 1977, p.12)

A influência de Marco Aurélio, a partir do estoicismo, sob o direito e a moral no Ocidente foi muito significativa. O Direito Romano foi readaptado com concepções morais, obtendo uma mistura de direito com filosofia.

A grande essência da obra de Marco Aurélio é a natureza moral, os valores os princípios que endossam a filosofia, não é de natureza literária. Foi uma retomada de consciência, uma verdadeira meditação humana sobre a vida e de maneira mais significativa, sobre a morte.

Todos os valores que Marco Aurélio trouxe à sua vida foram captados e influenciados pelas pessoas que com ele conviviam e pessoas que o próprio admirava. Os entes queridos, familiares e amigos, deixaram o legado que Marco Aurélio necessitava para efetivar sua conduta posteriormente, e que se entrelaçaram com os preceitos estoicos. Resumidamente, as principais virtudes captadas de seu círculo social advém da descrição e honra de seu pai, o caráter e a serenidade de seu avô, a generosidade e piedade de sua mãe, a educação intelectual herdada de seu bisavô (AURÉLIO, 1977, p. 47-48).

No que tange a seus entes familiares, seu avô é lembrado pelo caráter e serenidade, sua mãe pela piedade e beneficência. Com sua mãe aprendeu o escárnio das más ações e maus pensamentos, além disso, apreciava a simplicidade no modo de viver e criticava a ostentação. A seu pai, dizia dever a modéstia e hombridade. Com seu bisavô havia aprendido a importância do conhecimento, não tendo assim, receio de gastar com os estudos. De seu irmão Severo, captou o amor à família, à verdade e à justiça. Marco Aurélio agradeceu seu irmão por tê-lo ensinado sobre um governo em que a lei fosse a mesma à todos, sem restrições.

O imperador fora brindando com os melhores professores particulares de Roma, com os mesmos, além das lições de gramática, retórica e filosofia, aprendeu valores de

ordem moral, principalmente a bondade e a firmeza ética. Entre os dois grandes professores de Aurélio, estão Frontão, que desejava fazer de seu aluno um grande orador, dando muita atenção ao lado retórico do aluno. Enquanto isso, Rústico foi o que mais obteve sucesso para com seu aluno, já que apresentou a filosofia para Marco Aurélio (AURÉLIO, 1977, p. 49).

Outros grandes nomes influenciaram a conduta e postura adotada por Marco Aurélio. Este último observou de seu preceptor a resistência e a importância da parcimônia, o não intrometimento em assuntos alheios e com histórias supostas. De Diôgneto, a fuga de futilidades. De Rústico, Marco Aurélio diz ter aprendido a simplicidade das palavras, e o diálogo entre as pessoas para evitar ações desastrosas. De Apolônio, diz ter aprendido a autonomia nos afazeres e convicção na execução das ações. De Sexto, teria aprendido a bondade e tolerância para com o próximo, além da habilidade em conduzir a vida no caminho de virtudes.

Marco Aurélio recebeu influência também de Alexandre, e captou deste, a abstenção de insultos, de pronunciamentos indevidos. De Frontão, percebeu o quanto ruim pode ser a inveja e a hipocrisia, tudo isso retardaria as boas virtudes e traria ao povo a tirania. De Alexandre o Platônico, aprendeu a não dizer não sempre, principalmente, àqueles que precisam de nós. De Cátulo apreendeu a não mostrar indiferença quando um ente querido reclama, mas fazê-lo voltar atrás e refletir. De Máximo, Marco Aurélio sugou o autodomínio, a execução das tarefas, a beneficência, a sinceridade, o perdão, entre outros (AURÉLIO, 1977, p. 50-52).

Marco Aurélio menciona e dedica boa parte de seus escritos a seu pai, tecendo, ao mesmo, diversos elogios. Para Marco Aurélio, Antonino Pio fora um grande homem, cheio de virtudes. Entre elas, a precisão no que tange às decisões sobre assuntos importantes, a afeição ao trabalho, a perseverança, a disponibilidade em escutar os que podiam se mostrar úteis aos interesses de toda comunidade, em dar à cada pessoa conforme o mérito, o conhecimento adquirido com a experiência para saber a hora de agir e a hora de esperar.

Marco Aurélio destacou o caráter de seu pai salientando a abstinência quanto às promiscuidades com adolescentes. A dedicação aos entes queridos sem jamais cansar-se deles ou exagerar na bajulação; o conhecimento para antecipar acontecimentos; a modéstia, a servidão aos interesses do império e a tolerância para com aqueles que o criticavam. O aproveitamento dos bens terrenos sem ostentação, cuidando dos afazeres direcionados ao povo. Pio não havia tido segredos próprios, mas só no que diz respeito aos assuntos de Estado. Fez caridades sem olhar a quem e nem esperar nada em troca e nem fora exigente com comida ou vestuário. Marco Aurélio lembra de seu pai como um homem piedoso, que nunca fora visto esbravejando. O vigor físico, a resistência, a serenidade, e a alma equilibrada eram marcas registradas de seu pai, que até no momento da morte não se abateu (AURÉLIO, 1977, p. 53-54).

Do mesmo modo Aurélio Antonino, pai adotivo e sogro de Marco Aurélio, mesmo teve um papel fundamental, tanto em sua conduta imperial quanto na sua postura como indivíduo. A sua fama se circunscrevia a de um imperador de caráter humanitário e sensível, demonstrando sua simpatia pelos preceitos da filosofia que seu filho depois adotaria; “Antonino, antes de morir, da la última consigna a la guardia: *Aequanimitas*, «una gentil sugerencia a su sucesor, una amable alusión a la doctrina estoica” (AURÉLIO, 1977, p. 14).

Antecessor de seu pai ao trono, Adriano é descrito com um imperador muito fútil, enquanto Antonino é visto como um homem saudoso. Segundo Farquharson:

Su amor por las formas antiguas, su conservadurismo religioso se opone a la variabilidad y al capricho de Adriano, su economía pública y su frugalidad privada a la extravagancia de Adriano, su sencillez a la pasión de Adriano por las construcciones, los suntuosos banquetes y los jóvenes favoritos (FARQUHARSON, 1944, p. 276).

Marco Aurélio ofereceu a si mesmo conselhos, em que inclusive menciona seu pai, a fim de que o mesmo se espelhasse nas atitudes de Antonino, se comportando como um romano e não adotando um governo de um imperador *tyranus*.

Aos deuses Marco Aurélio sempre dedicou respeito e agradecimento pelos entes familiares e amigos com quem ele conviveu e pela paciência para com estes. Agradece

pela abstinência até a hora certa de sua virilidade, à modéstia apreendida, se resguardando numa vida comum a qualquer outra pela simplicidade, mas assumindo o compromisso com os assuntos imperiais, sempre pensando no bem comum. Agradeceu ainda, em seus escritos, por não ter tido filhos deficientes, pelos mestres que lhe ensinaram a viver conforme a natureza, por ter evitado cair em desejos e em paixões, pela caridade que sempre se propôs a cumprir, por não ter precisado pedir apoio ao próximo e ter se casado com uma mulher disposta a obedecer. E principalmente, por não ter se envolvido em outras filosofias, que não a estoica (AURÉLIO, 1977, p. 56).

Depois de tantos agradecimentos e ensinamentos o imperador romano passa para um momento de reflexão sobre tudo o que aprendeu e o uso diário de todos esses elementos captados através do convívio e do ensinamento mútuo que obteve antes mesmo de seu mandato imperial.

Em 161 d.C, Marco Aurélio assume o trono com 40 anos de idade após a morte de seu pai. Há algum tempo já havia ocupado muitos cargos no Império. Como seu pai, nunca lutou pelo posto mais alto de Roma, no entanto, com a experiência imperial nos cargos que o mesmo desempenhou, assumiu seu papel como sucessor do trono. O primeiro ato importante do imperador fora dividir o poder imperial com seu irmão, Lúcio Aurélio Vero, filho também adotivo de Antonino.

O imperador Marco Aurélio no decorrer do seu Império, utilizou-se da filosofia para construir e reafirmar uma postura imperial, uma postura embasada em valores morais estoicos. Trilhou o caminho imperial subsidiado por estes princípios que o fazem ser lembrado como um dos grandes nomes adeptos da filosofia. O imperador se deparava todos os dias no campo da sociabilidade, com pessoas de características difíceis (egoístas, invejosos, temperamentais). E tudo isso, segundo Aurélio, era um sinal da ignorância. A virtude estaria no bem e o mal seria o vício. Todavia observava que pela inteligência todos os homens estão unidos, não devendo, pois, irritar-se ou odiar esses indivíduos, pois, agir como um adversário seria contrário à natureza (AURÉLIO, 1977, p. 57).

A razão seria com toda certeza mais importante do que o corpo e a respiração. Ela não poderia ser entregue ao desdém, deveria ser cuidada, não deveria ser escrava do egoísmo e nem temerosa perante os acontecimentos futuros. Marco Aurélio chamava atenção pela necessidade de se concentrar na Providência, nos esclarecimentos e preceitos da natureza, pois a única chance para isso seria em vida, não havendo outra. Estes preceitos incluiriam a responsabilidade das ações, pois, estas deveriam ser realizadas com seriedade, com sentimento, com autonomia e justiça, abandonando a hipocrisia, a aversão à razão, o egoísmo e o inconformismo com o destino imposto. Segundo ele, as pessoas deveriam se apressar na busca pelo conhecimento e pela reflexão, pois a morte está sempre muito próxima, oferecendo assim, um risco quanto ao tempo que ainda temos de nos habilitarmos conforme a natureza e aos deuses.

As pessoas podem se preocupar com outrem, mas não devem se desleixar consigo mesmo. É o que o próprio Marco Aurélio escreve sobre a alma “Raramente se viu um homem infeliz por não prestar atenção ao que se passa na alma dos outros; quanto aos que não cuidam do que ocorre em sua própria alma, são fatalmente infelizes” (AURÉLIO, 1977, p. 116, tradução nossa).

Quando Marco Aurélio se baseia em Teofrasto, menciona os vícios. Os desejos são piores e mais perigosos do que o vício da dor, pois no primeiro temos a possibilidade de escolha de seguirmos e efetivarmos tal ação ou não, por fraqueza pessoal cometemos determinado ato importuno, já no último a sensação é tão angustiante que a razão simplesmente deixa de ser seguida. Portanto, muito mais grave são os desejos praticados do que a dor inesperada.

A Providência cuidaria das coisas humanas, asseguraria ao homem de virtudes muitas felicidades. O homem dotado de virtudes e de razão não teria medo da morte, pois é da natureza este acontecimento, era preciso encará-lo com sabedoria e sem temores. Marco Aurélio resume muito bem a morte com uma passagem, quando menciona esta frase “Embarcaste fizeste a viagem, chegaste ao porto; desembarca!”. E continua refletir em seus escritos:

[...] o que é morte e o fato de que, se a olharmos em si mesma e pela força de abstração da reflexão decomposermos em suas partes todas as coisas que se apresentam à imaginação, nela veremos que é apenas uma operação da natureza, e quem se atemoriza com uma operação da natureza é uma criança (AURÉLIO, 1977, p.63-64, tradução nossa).

Em certa medida, essa anulação do sentimento de morte, do temor e medo à ela, pode ser justificado, segundo Gual, pelas várias mortes de entes queridos que Marco Aurélio presenciou em vida, a de seu pai, de sua esposa, de seu irmão e de alguns filhos, além daquelas vivenciadas nos campos de batalha

Será una experiencia muy repetida luego: su padre, su abuelo, Adriano, Antonino, su madre, su hermano adoptivo L. Vero, su esposa, más de la mitad de sus hijos, irán muriéndose cerca de el largo del os años. Esta vivencia de las muertes familiares, más que las muertes broncas y amontonadas de las guerras y la peste, puede Haber influido en el sentir de Marco Aurelio hondamente (GUAL, 1977, pág. 11).

A alma carecia de cuidados evitando os vícios, os desejos e as paixões, caminhando sempre de acordo com os deuses. A alma não iria ao encontro da natureza quando subestimasse a razão. A falta de sinceridade seria perturbadora, quando alguém tivesse realizado algum ato sem ter refletido e analisado sobre o mesmo. Portanto, a alma precisaria obedecer à razão e à lei de sua cidade.

[...] E, para dizer tudo em uma palavra, tudo que diz respeito ao corpo é como um rio, sempre fluindo; o que pertence à alma é um sonho e névoa; a vida é uma luta, um exílio em terra estranha; o renome é esquecimento. Que é, então, que pode guiar-nos? Uma só coisa, apenas uma: a filosofia. (AURÉLIO, 1977, p. 66, tradução nossa).

O imperador chamava a atenção das pessoas que se importavam com a vida alheia, exceto os que agiam para ajudar os demais, mas os que questionavam as ações de outros sem lhe ser cabível e esquecia-se de sua própria vida; a estes a razão inexistia, fariam um serviço inútil e desagradável.

Muito interessante é destacar como Marco Aurélio chamava o homem civil romano à sua vida pública, sempre enaltecendo os que trabalhavam de boa vontade e cumpriam suas obrigações como um cidadão romano voltado à comunidade. A este



homem aconselhava para que permanecesse nessas boas maneiras e se fortalecessem por seus próprios meios.

O trabalho pediria um tempo por repouso, por descanso, mas não o descanso sem trabalho, pois a preguiça destruiria a honraria do trabalho. “Conserva-te alegre, também, e não procures ajuda fora de ti nem a tranquilidade vinda dos outros. É preciso estar de pé por si mesmo; não se deve ser posto pelo pé dos outros” (AURÉLIO, 1977, p. 123, tradução nossa). Aos homens ainda, seria importante, enfatizar que a vida deveria ser espionada, por si mesmo, para que o corpo não se desviasse da inteligência e do cuidado com a comunidade. Acrescentou que as coisas que fossem úteis e positivas à Roma, seriam refletidas no mundo, e este último seria beneficiado. Para o imperador, como para os homens, servir a Pátria e a cidade, seria a grande meta. Pois, “tudo que acontece a cada um é útil ao todo [...] tudo que é útil a um homem é útil também aos outros homens” (AURÉLIO, 1977 p. 125, tradução nossa).

Fazia-se necessário aceitar de bom agrado a vida simples, pois para ser feliz bastaria pouco. Segundo Marco Aurélio, a perfeição moral consiste em viver cada dia como se fosse o último, evitando os vícios. O imperador menosprezava quem não evitava a maldade. Quando aprendemos que a vida é passageira, que a morte está sempre muito próxima, e quando não se atemos às coisas terrenas, o ser se livra dos vícios, da inquietação, dos conflitos e da ostentação

Se concentras teus esforços no presente, seguindo a reta razão seriamente, vigorosamente, calmamente, sem permitir que nada mais te distraia e mantendo puro seu gênio interior, como se tivesses de devolvê-lo imediatamente; se te aplicares a isso, nada esperando, nada temendo e satisfeito com sua atividade presente conforme à natureza e com uma verdade heróica em cada palavra e manifestação, viverás feliz. E ninguém será capaz de impedir isso (AURÉLIO, 1977, p. 77, tradução nossa).

Às pessoas caberia se conformar com o destino formulado pelos deuses aos mortais. Deveriam ser felizes e contentes com a sua vida, com seu projeto pré-determinado de vida, e não reclamar, não se ofender ou se recusar a aceitar seu destino. De acordo com o imperador “nada acontece que não possa ser naturalmente suportado”.

Viver com e para os deuses requeria mostrar satisfação da alma em se alegrar com as etapas do destino de cada ser. Apesar do destino já pré-determinado, os indivíduos teriam a possibilidade de investigar a melhor maneira de viver segundo seus preceitos.

O recolhimento para um momento de reflexão sobre a vida, sobre as ações, sobre os pensamentos, era necessário e seria de bom agrado se ater a esses momentos. O retiro para a análise da vida costumava trazer ao homem um bem estar. O respeito à lei, a bondade, a busca pela verdade e a decência deveriam lapidar o ser humano. Quando alguém agisse na maldade, acabaria agindo contra si próprio, assim, o alvo da maldade não seria o mais prejudicado.

Segundo Marco Aurélio, o desânimo por alguma ação mal sucedida não deveria fazer com que o sujeito desistisse ou se entristecesse, seria na razão que se encontraria apoio, para recomeçar e se erguer novamente. Quando encontrado algum obstáculo somos estimulados a buscar novas estratégias para vencê-lo, e dessa forma nos adaptamos aos limites e pessoas que querem impedir nossos feitos e realizações. Cumpre salientar que os que não gostam de suas ações, deveriam ser ignorados, e deve-se continuar a trilhar aquilo que considera a verdade.

A injustiça e a calúnia agiriam de forma muito semelhantes, pelo fato de agirem impiedosamente, até mesmo contra os deuses. Já que é a verdade que os estóicos buscavam a todo tempo e em todas as coisas, a mentira e a injustiça passam a ser dois elementos que deveriam se evitados. A injustiça seria cometida não só quando se realizasse determinada coisa, mas também, quando se deixasse de fazer alguma.

Para o imperador, a maldade era muito comum, impossível de ser evitada, contra ela o homem deveria agir com a bondade. Aconselhava as pessoas a serem firmes durante os fardos da vida. Se uma pessoa é capaz de suportar o fardo não teria porque reclamar, faria parte de seu destino. Para tanto ele apelava por três qualitativos, que não deveriam ser abandonados e se abandonados, deveriam ser recuperados rapidamente.

[...] Lembra-te de que consciente implica em atenção de tua parte para discernir cada coisa distinta e na ausência de negligência; equânime na

aceitação voluntária das coisas que a natureza universal partilha; magnânimo, a preponderância da parte racional sobre as agitações agradáveis ou penosas da carne e sobre as gloriolas e a morte e coisas semelhantes. (AURÉLIO, 1977, p.108)

Interessante é a crítica que Marco Aurélio faz aos gladiadores, estes apegados à vida suplicam para serem poupados, ao menos ao dia seguinte, mesmo sabendo que vão enfrentar novamente as feras, e não encaram seu destino de forma passional. Afirmava que a natureza dava tudo à nós e tudo levaria de volta, inclusive a vida. A amizade sincera deveria expressar-se evidentemente no olhar, na voz, nas ações da pessoa. A tentativa de impor-se a essa sinceridade quem não a tem seria repugnante.

Neste sentido observamos como a filosofia estoica está impregnada no discurso do imperador. Quando elencamos alguns princípios da filosofia conseguimos identificá-los em toda obra de Marco Aurélio. Por exemplo, a ideia do bem que se refere ao bom senso, à prudência, a consciência e a temperança que estão ligadas à ordem e conveniência, à justiça e equidade e a benevolência, à coragem, a firmeza e a constância, a piedade e clemência, o viver em comunidade (BRUN, 1986, p. 78-79). Em antítese às virtudes, Marco Aurélio, julga em sua obra em forma de crítica os vícios, que deveriam ser evitados a todo custo. Dentre eles estão a dor, o medo, o prazer, a inveja, o ciúme, o desgosto, o despeito, a vergonha, a hesitação, a angústia, o ódio, a rivalidade, o ressentimento, entre outras, que eram consideradas doenças da alma e por si só um mau (BRUN, 1986, p. 82-83).

Diante destas características podemos caracterizar as atitudes de Marco Aurélio no seio imperial, já que para ele mais do que um modo de realizar ações em prol da política, a filosofia era uma forma de vida (ALVES, 2010, p.103).

Muitos servidores do Império que auxiliaram o imperador e honraram seus papéis garantiram alguns benefícios e também a gratidão de Marco Aurélio, pois este último queria que todos vivessem de uma forma mais feliz e justa. O governante sempre travou uma luta incessante no que tange os aspectos militares e sociais, sempre se preocupando com a justiça, mostrando toda sua clemência. “Era costume de Antonino punir todos os crimes com penas mais leves do que geralmente eram infligidos pelas

leis, embora, para aqueles que eram claramente culpados de crimes graves, permaneceu implacável” (SHA, Marco Aurélio, 1921, p. 1-4). Marco Aurélio quando não estava participando de ações militares, procurava ficar a par das questões judiciais.

De acordo com Piere Hadot (1992, p. 24-31), o imperador mantém-se simples, não evoca profundamente os dogmas estoicos, mas cria um modelo de vida, um modelo político onde se idealiza uma sociedade perfeita. Sua conduta política afasta-se da tirania, inclusive, porque procura praticar uma vida simples e ascética, contrária ao luxo e prazeres (BRUNT, 1974, 1-20).

Marco Aurélio se esquivava da violência, na verdade não tinha muito apreço pela mesma, inclusive, pelas batalhas dueladas entre os gladiadores. Em certo momento, obrigou-os a lutar com armas embotadas a fim de que sobrevivessem, tentou na medida do possível, limitar os conflitos sangrentos, até porque os mesmos tinham um custo elevado. “Marco Aurélio, lutou ainda duplamente contra os exageros cometidos e os gastos despendidos nestes jogos públicos” (PIMENTEL, 2002, p. 103).

Marco Aurélio desenvolveu propostas para ajudar os mais necessitados. “Criou várias sábias medidas para o apoio do Estado aos pobres” [...] (SHA, Marco Aurélio, 1921, p. 161-163); “[...] e promulgou leis que geriam o dinheiro e vendas públicas.” (SHA, Marco Aurélio, 1921, p. 156-157).

O imperador instituiu o registro de nascimento e direcionou sua atenção aos direitos dos filhos adotados e aos órfãos, salientando aqueles que diziam respeito à guarda e ajuda. Essa evolução nas leis romanas e no direito ocidental, com Marco Aurélio, é explicada pela filosofia adotada por ele, o estoicismo, a atenção aos menos desfavorecidos tem sua raiz nas ideias humanitárias que o estoicismo defende.

De acordo com Noyen (1955, p. 372-383), Marco Aurélio fora um protótipo do político ideal porque não permaneceu só na teoria da filosofia, mas colocou seus princípios em prática. É na administração da justiça que o mesmo coloca a sua marca política. Alguns princípios que abarcaram e marcaram o imperador estoico se limitam ao amor e apreço pela verdade e pela justiça, a concepção de uma constituição equilibrada,

e de uma monarquia que considerava a liberdade do indivíduo. (BIRLEY, 1999, p. 95-96.)

Nesse sentido, o imperador filósofo tenta entrever para mostrar o seu «discurso interior» em dois sentidos: a sua humanidade e o seu respeito à tradição (WILLIAMS, 1976, p. 67-83). Segundo Grimal:

La figura de Marco Aurelio resulta, en verdad, un fenómeno fascinante para el estudioso de las ideologías, pues su entraña psicológica radica en esa unitaria incorporación viviente de una ideología cuya operación práctica se apoyaba en la radical escisión de la conciencia: la duplicidad de un hombre que, como primer ciudadano, servía fielmente a un orden de dominación que, como sujeto moral, había de eludir constantemente para alcanzarla beatitud. (GRIMAL, 2005, pág.33)

Marco Aurélio revela em sua obra, seu caráter e personalidade e seu descontentamento com si próprio, buscando uma permanente reflexão sobre suas ações como homem e como governante. A posição política, sua conduta pessoal e seu embasamento filosófico o fazem de certa forma, um homem estudado em suas múltiplas influências e na forma pela qual se constituiu em um imperador estoico.

## Conclusão

Quando apresentamos as reflexões do imperador Marco Aurélio em suas *Meditações*, denotamos a presença da filosofia estoica como a base condutora de suas ideias e o exame de autoconsciência contido nesses escritos.

Interessante observar que não há na obra, necessariamente, um programa político explícito. Mas um entendimento do indivíduo e da sociedade por meio do estoicismo comungado por Marco Aurélio. Tais preceitos contribuíram para a construção da sua imagem de imperador modelo, ou de imperador-filósofo.

## Referências

### Fontes Impressas

---

AURÉLIO, Marco. **Meditaciones - Introducción de Carlos García Gual**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

**Scriptores Historiae Augustae**, trad. David Magie. Londres: The Loeb Classical Library – Harvard University Press, 1921.

### **Bibliografia**

ALVES, Sérgio Lourosa. **Marco Aurélio e Cómodo, a luz e a sombra: a construção historiográfica da dinastia Antonina**. Universidade de Lisboa, 2010.

BIRLEY, A.R. **Marcus Aurelius, a Biography**. Barnes & Nobles Books/Routledge, New York, 1999.

BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986?.

BRUNT, P. A. **Marcus Aurelius in His Meditations**. Oxford: Society for the Promotion of Roman Studies, 1974.

FARQUHARSON, A. S. L. **The Meditations of the Emperor Marcus Antoninus**. Oxford: 2vols, 1944.

GUAL, G. **Introducción de las Meditaciones**. Madrid Editorial: Gredos, 1977.

GRIMAL, P. **Marc Aurèle**. Paris: Fayard, 1991.

HADOT, P. **La Citadelle Intérieure – Introduction aux Pensées de Marc Aurèle**. Paris: Fayard, 1992.

NOYEN, P. Marcus Aurelius. **The Greatest Practician of Stoicism**. Brussels: Fondation Universitaire, 1955.

Williams, W. **Individuality in the Imperial Constitutions: Hadrian and the Antonines**. Society for the Promotion of Roman Studies, London, 1976, 67-83.